

SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO LGBTQIA+: LUTANDO CONTRA ESTIGMAS E PRECONCEITOS.

José Eduardo da Silva Campos

Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, eduardoscamos01@gmail.com;

Resumo

O presente estudo teve como objetivo explorar e compreender sobre os estigmas e o preconceito que afetam a saúde mental da população LGBTQIA+, como também, debater a importância da conscientização e do respeito desta população no âmbito interno (na família) e no âmbito externo (na comunidade). Para tanto, realizou-se uma revisão da literatura durante o mês de fevereiro de 2021, utilizando-se dos dados eletrônicos da PubMed e Google Acadêmico, portanto a presente pesquisa apresenta alguns critérios de inclusão, tais como: a) A temática de saúde mental como foco principal; b) Artigos completos e encontrados de forma gratuita; c) Artigos publicados nos últimos anos. Foram excluídos: a) Artigos incompletos e não gratuito; b) Trabalhos incoerentes com o tema em questão. Constatou-se a importância dos estudos sobre saúde mental em uma perspectiva social da psicologia, e as contribuições da mesma, para possíveis soluções no combate do preconceito e da estigmatização, uma vez que se foi verificado, apesar da evolução, ainda existe preconceito na sociedade por conta da orientação sexual destes indivíduos. Ademais, relatou-se a importância do apoio psicológico e das terapias como aliados a aceitação do próprio sujeito e, também, gerar discussões destes profissionais com a comunidade sobre o tema na busca de ampliar o conhecimento procurando amenizar alguns estigmas e conscientizando a terem um maior respeito pela orientação sexual do outro. Haja vista, que o desencadeamento de todos os problemas mentais

nestes sujeitos são por causa do preconceito da sociedade e a não aceitação no ambiente familiar.

Palavras-chave: Estigmas; LGBTQIA+; Preconceito; Psicologia; Saúde Mental.

Introdução

As Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexual e Assexuais (LGBTQIA+) vivenciam processos de estigmatização e discriminação na sua vida cotidiana. Esses processos foram/são fortemente influenciados pelos manuais diagnósticos (DSMs e CIDs). Até meados de 1952, a homossexualidade era considerada um distúrbio mental pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), que publicou no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) tal afirmativa, fazendo com que diversos cientistas procurassem comprovações efetivas sobre essa questão. Após uma série de estudos, foi comprovado que a homossexualidade não está ligada a um distúrbio mental. Portanto, a APA precisou realizar novas pesquisas, terminando por retirar a homossexualidade da lista de transtornos mentais, em meados de 1973. Logo, em 1975 tiveram início as orientações para que profissionais de diferentes áreas não tratassem a homossexualidade como doença, visando evitar os processos de estigmatização e discriminação. Em contrapartida, a Organização Mundial da Saúde (OMS) incluiu a homossexualidade na Classificação Internacional de Doenças (CID) em 1977, ainda como doença mental, retirando-a somente em 1990, quando foi realizada uma revisão em todas as listagens de patologias.¹

Atualmente, o termo “saúde mental” pode ser relacionado diretamente tanto à produção de sofrimento psíquico de um indivíduo ou grupo populacional quanto à conformação de um campo da saúde pública, em que se instauram determinadas políticas de saúde, suas práticas de cuidado e seus serviços.²

Aliado a isto, temos o enfoque na população LGBTQIA+, que, por terem comportamentos que diferem da convenção social da maioria, ou seja, da heteronormatividade, é atingida por demonstrações públicas de preconceito, agressões físicas, verbais e/ou psicológicas, têm seus direitos violados, entre outros. Destarte, o Relatório Violência LGTBfóbicas no Brasil e o Relatório de Violência Homofóbica no Brasil, iniciativa do Governo Federal, lançou dados oficiais sistematizados no país. Em 2012 foram reportadas 3.031 denúncias através do Disque Direitos Humanos (Disque 100), em 2013 as violências nesta população geraram 1.906 vítimas; por fim, foram contabilizadas 21.060 violações entre os anos de 2011 a 2016.^{3,4} O Brasil apresenta

um dos maiores índices do mundo de violência contra a população LGBTQIA+, e estes casos são, muitas vezes, tratados com descaso e impunidade.⁵ Tal cenário gera sofrimento psicossocial intenso, decorrente de uma atmosfera social ansiogênica, que muitas vezes resulta em conflitos internos, angústia e insegurança, deixando a população LGBTQIA+ mais propensa a manifestar sintomas depressivos.⁶

O presente trabalho tem como objetivo principal explorar e compreender acerca dos achados na literatura sobre os estigmas que afetam a saúde mental de pessoas LGBTQIA+. Como também, debater a importância dessa temática na sociedade contemporânea em que vivemos, conscientizando a população, em especial à família, olhar de uma maneira mais respeitosa e promover assim uma ampliação no conhecimento sobre as consequências do preconceito no desencadeamento de problemas na saúde mental de pessoas da comunidade LGBTQIA+.

Metodologia

Este estudo trata-se de uma revisão da literatura fruto de uma pesquisa realizada durante o mês de Fevereiro de 2021 sobre os estigmas e o preconceito que afetam diretamente na saúde mental da população LGBTQIA+. Visando responder aos objetivos da pesquisa, deu-se destaque para: a) os impactos na saúde mental da população LGBTQIA+; b) Sobrecarga emocional, física, econômica e social dos membros desta comunidade devido ao preconceitos e estigmas enfrentados dentro da sociedade.

Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: a) ser um artigo científico fruto de pesquisa que responda ao objetivo geral da revisão; b) estar disponibilizado por completo e de maneira gratuita na internet, indexado nas bases de dados PubMed e Google Acadêmico; c) artigos científicos publicados nos últimos anos. Ademais, foram excluídos deste estudo: a) Trabalhos incompletos ou não gratuitos; b) Artigos que não condiziam com o objetivo do estudo. Para cada artigo estudado, foram selecionados os seguintes conhecimentos: referências, objetivos, métodos de pesquisa e resultados encontrados

Na base de dados PubMed, realizou-se a busca com as seguintes palavras-chave: “saúde mental e LGBT”. A partir desta busca, obteve-se 2.333 resultados. Após essa primeira coleta, foram aplicados os seguintes filtros para a afinar a pesquisa: a) textos completos e

gratuito; b) assunto principal: saúde mental da população LGBT; c) intervalo de ano de publicação: últimos 5 anos (2016- 2021). Após aplicação dos filtros, obteve-se 677 resultados, dos quais, foram selecionados apenas 04 artigos.

Já na base de dados Google Acadêmico, por meio da pesquisa com o tema “saúde mental de pessoas LGBT” e com a aplicação dos filtros: a) data de publicação: últimos 5 anos (2015-2021) e b) textos completos; foram obtidos 3.030 artigos, e após a realização da leitura dos resumos, concluiu-se que apenas 09 artigos atenderam os critérios de inclusão.

Resultados e discussão

Resultou-se como estudo de abordagem interdisciplinar que se baseia na sociologia, nos estudos de gênero e nas teorias homossexuais e na psicologia social é importante analisar como um grupo social, no caso os LGBTQIA+, desempenham papéis sociais os quais são em boa medida constituídos a partir das suas experiências familiares que podem ser, e muitas vezes são, moldadas a partir das especificidades dos seus componentes. Por tais motivos as relações familiares podem torna-se conturbadas em detrimento da sexualidade de um do sujeito e essas relações conturbadas podem refletir no indivíduo socialmente.⁷

O desenvolvimento da saúde biopsicossocial do jovem dentro da dinâmica familiar, é inferida por cada um dos membros; em situações onde este indivíduo se percebe excluído por não atender a padrões socialmente estabelecidos, os vínculos entre eles ficam fragilizados, sendo fator de risco para agravos multiaxiais.⁸ A rejeição familiar tem se mostrado como fator agravante à saúde mental, desencadeando futuramente uma depressão ou riscos de suicídio. Em contrapartida, o suporte é visto como proteção para estes fatores, mais do que o apoio de companheiros de causa ou outras pessoas importantes.⁹

Assim, se faz necessário o papel da psicologia na vida da população LGBTQIA+, pois o medo que esses indivíduos sentem de assumir sua orientação sexual diante de outras pessoas e até mesmo com os membros do próprio movimento, faz com que a sua saúde mental fique abalada e necessite de um apoio psicológico, de um profissional.¹²

Ademais, é possível também fazer a relação com o processo de *disclosure*, termo que significa o momento de revelação e manifestação

da própria sexualidade perante a sociedade.¹¹ Mesmo que este processo possa expor uma pessoa à hostilidade e preconceito de outras, ele representa uma relação positiva do indivíduo com si mesmo, e isto tem sido associado a resultados positivos na saúde.⁹ Ressalta-se também que o *disclosure* fortalece os laços dentro do grupo LGBTQIA+, que usualmente se sentem mais à vontade em se expressar diante daqueles com quem compartilham as mesmas particularidades¹¹, firmando sua identidade, o que tem relação direta com a sensação de fazer parte de um grupo. Isto faz com que se formem laços de suporte mútuo, conexões sociais e um senso de pertencimento, o que alivia os efeitos negativos do estresse sofrido devido à discriminação.¹⁰

Além disso, Barbora e Madureira (2017) mencionam sobre a necessidade da preparação dos psicólogos para atender a população LGBTQIA+, pois o despreparo pode dificultar no processo terapêutico e aumentar mais ainda o sofrimento psíquico destes indivíduos. Desta forma, conforme aos autores, para que os profissionais tenham conhecimento sobre o assunto precisam estudar sobre, porque em uma profissão que trabalha com todos os tipos de pessoas precisa-se ter conhecimento sobre esta diversidade. Assim, vale salientar a importância da busca pelas informações, de maneira constantes, por parte desses profissionais para que tenham um vasto conhecimento. Além disso, precisam também reconhecer os seus limites, de modo que atendam só os casos para os quais estejam preparados.¹³

Por fim, é importante que os centros de saúde pública possam oferecer a essa parcela vulnerável da população serviços no que tange o cuidado da saúde mental, através de profissionais especializados e qualificados. Vemos que a atuação do psicólogo neste processo de combate aos estigmas e preconceito é de suma importância, de uma maneira geral, por meio de debates e discussões sobre o tema no processo de inclusão destes membros na sociedade sem serem discriminados pela sua orientação sexual. Como também, de maneira específica, oferecendo acompanhamento psicoterapêutico nas redes de saúde pública.

Considerações finais

Podemos concluir que os sujeitos participantes do movimento LGBTQIA+ apresenta vulnerabilidade às questões de saúde mental, devido a frequente exposição a discriminação e ao desrespeito somada

a expectativa de rejeição e necessidade de ocultação de sua identidade que impacta negativamente na saúde mental destes indivíduos.

Assim, em virtude dos fatos mencionados, destaca-se o quão é importante o acompanhamento destes sujeitos por um profissional voltado para os cuidados na saúde mental. De modo mais específico, o psicólogo seria o profissional ideal, por meio de psicoterapias facilitaria no processo de aceitação do indivíduo consigo mesmo, além de auxiliar nas relações interpessoais e familiares. Mas, podemos salientar que o papel do psicólogo não pode se resumir apenas a isso, é necessário pontuar que conscientizar e levar informações/conhecimentos para aqueles que não têm acesso sobre o tema é um grande aliado para que não pratiquem preconceitos e não criem estereótipos inadequados.

Por fim, a realização desta revisão evidenciou a necessidade no desenvolvimento de mais estudos voltados para a população LGBTQIA+, de modo especial no que tange a respeito da saúde mental, como também conscientizar família e a sociedade, de modo a esclarecer a dimensão do impacto negativo que a não aceitação das diferenças têm sobre estes sujeitos e, desta forma, realçar as formas de combatê-la.

Referências

1. TAGLIAMENTO, G.; SILVA, S. S. C.; SILVA, D. B. *et al.* Minha dor vem de você: uma análise das consequências da LGBTfobia na saúde mental de pessoas LGBTs. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 6, n. 3, p. 77 – 112, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv>; Acesso em: 03 de fev. de 2021
2. CLEMENTE, A. Diálogos entre saúde mental e homossexualidade: notas sobre produção de subjetividade, sofrimento e opressão. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**. v. 2, n.1, p. 42 – 58, 2018. Disponível em: www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh. Acesso em: 05 de fev. de 2021
3. Secretaria de Direitos Humanos (BR). **Violência LGBTfóbicas no Brasil: dados da violência**. Brasília (DF): Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos; 2016. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/lgbt/>

- violencia-lgbtforicas-no-brasil-dados-da-violencia. Acesso em: 09 de fev. de 2021
4. Secretária de Direitos Humanos (BR). **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013**. Brasília (DF): Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos; 2016. Disponível em: <http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/RelatorioViolenciaHomofobicaBR2013.pdf>. Acesso em: 09 de fev. de 2021
 5. OLIVEIRA, D. A. G. **O suicídio na comunidade LGBT no Brasil**. [Monografia]. Universidade Federal de Juíz de Fora, Juíz de Fora, 2018. Disponível em: <http://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/DAIANA-APARECIDA-GOMES-DEOLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 13 de fev. de 2021
 6. OLIVEIRA, D.C.; POLIDORO, M. **Promotores e promotoras da saúde LGBT para profissionais no SUS**. 2ª ed. Porto Alegre (RS): UFRGS; 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/189266/001082168.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 14 de fev. de 2021
 7. GOMES, I. K. S.; **Importância da família para a socialização da pessoa LGBTQ**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019. Disponível em: http://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1471/1/2019_proj_iangomes.pdf Acesso em: 18 de fev. de 2021
 8. SILVA, I. T.; SILVA, T. P.; LINS, S. M. S. B. *et. al.* Ordens e desordens: complexidade do adolecer e saúde sexual: contribuições para enfermagem. **Rev. Enfermagem UERJ**. v. 24, n. 2, e14569, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2016.14569> Acesso em: 18 de fev. de 2021
 9. MCCONNELL, E. A.; BIRKETT, M. A.; MUSTANSKI, B. Typologies of Social Support and Associations with Mental Health Outcomes Among LGBT Youth. **LGBT Health**. v. 2, n. 1, p. 55 – 61, 2015.

Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/10.1089/lgbt.2014.0051> Acesso em: 20 de fev. de 2021

10. MACAPAGAL, K. GREENE, G. J., RIVERA, Z. *et. al.* “The best is always yet to come”: Relationship stages and processes among young LGBT couples. **Journal of Family Psychology**, v. 29, n. 3, p. 309–320, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/fam0000094> Acesso em: 23 de fev. de 2021
11. KATZ-WISE, S. L.; ROSARIO, M.; Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth and Family Acceptance. **Pediatric Clinics of North America**. v. 63, n. 6, p. 1011 – 1025, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.pcl.2016.07.005> Acesso em: 23 de fev. de 2021
12. SOUZA, A. B.; ALVES, G. D.; SILVEIRA, L. A. *et. al.* The impacts of social and family prejudice on the mental health of lesbians, gays, bisexuals and transsexuals. **Research, Society and Development**. v. 9, n. 4, e34942760, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i4.2760>. Acesso em: 26 de fev. de 2021
13. BARBOSA, M., MADUREIRA, A. F. **Os efeitos da homofobia na construção das identidades sexuais não-hegemônicas e o papel da/o psicóloga/o na promoção da saúde**. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Psicologia). Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.uni-ceub.br/jspui/handle/235/11093>. Acesso em: 26 de fev. de 2021